



# Família Dehoniana

#15 <sup>dezembro</sup> 2017

Newsletter de informação e de contato da Família Dehoniana em Portugal

## a abertura



Caros Amigos e Amigas

O presente número da NL chega até vós em vésperas do Santo Natal. A minha primeira palavra é para desejar que a vinda do Menino Deus traga paz, alegria e esperança para cada um de vós. Ao mesmo tempo, desejo-vos um Ano Novo cheio das bênçãos de Deus. Que os vossos sonhos e projetos se realizem em 2018.

No dia 2 de Dezembro, regressei a Coimbra, depois de uma viagem de cerca de 15 dias a Moçambique, onde orientei um retiro para um grupo de missionários que, em breve, irão reforçar a presença dehoniana em Angola. Esta ida a Moçambique foi uma grande graça para mim, e aconteceu quando se cumpriam 50 anos sobre a minha primeira chegada a esse país, na companhia do P. Elias Ciscato, que ainda lá se encontram, e com quem celebrei o evento em Nampula, no dia 17 de Novembro.

Durante a permanência em Moçambique tive oportunidade de visitar os principais lugares onde trabalhei e retomei os estudos para a ordenação

sacerdotal. Encontrei o P. Adérito empenhado na universidade de Nampula e na paróquia, e alguns dos confrades italianos com quem trabalhei nos já longínquos anos 60 e 70 do século passado, como o P. Toller, presente em Moçambique há 52 anos. Encontrei também vários confrades moçambicanos, alguns conhecidos e outros não, que levam por diante a obra iniciada pelos nossos missionários, em 1947. Agradeço a todos o bom acolhimento e o modo fraterno como me trataram.

Tive também oportunidade de encontrar diversos membros da Companhia Missionária do Coração de Jesus, em Nampula, Invinha e Maputo, particularmente a Lisetta Licheri, antiga companheira de trabalho em Milevane. Admirei o trabalho que dedicadamente fazem em favor do povo e da Igreja, com o cuidado de divulgar nossa espiritualidade entre o povo cristão.

Neste número, podeis ler um texto do P. Zezinho sobre o Padre Dehon, além da habitual rubrica “Conhecer o Padre Dehon”, com as três alíneas “através dos escritos espirituais”, dos “escritos espirituais” e dos “escritos de viagens” Faço votos para a sua leitura em todos acenda um maior amor ao Padre Fundador e ajude a uma mais intensa vivência do carisma do Instituto.

Alegremo-nos com a primeira profissão do Carlos Manuel, com a ordenação diaconal do Andrés Rafael e com a inauguração da nova sede da Companhia Missionária, no Porto.

Para todos, um Santo e Feliz Natal.

P. Fernando Fonseca, scj  
*Coordenador Nacional*

## O PADRE QUE IA AO POVO

Você talvez conheça alguns sacerdotes educadores e advogados. Há e houve muitos. Eu mesmo conheci seis deles. Penso que o exercício da advocacia, com mais meios e instrumentos, pode ajudar um sacerdote a lutar pelos direitos do indivíduo e da comunidade. Entre meados do Século XIX e inícios do Século XX houve um sacerdote francês que, além de ser consagrado, foi advogado, sociólogo, filósofo, teólogo, conselheiro político de sindicatos de patrões e operários, escritor de mais de 30 livros, jornalista, educador, líder de jovens, diretor de colégio, fundador e diretor de revista, conferencista, e, além disso, fundador de uma congregação de padres e irmãos, dedicada à reparação pelos desvios e pecados da sociedade. Se ainda não o conhece, embora já tenhamos mencionado seu nome, permita-me que lhe apresente **João Leão Dehon**, filho de Júlio Dehon e Estefânia Vandelet, irmão de Júlio, militante e membro da Ordem Terceira Franciscana, aluno de jesuítas, membro dos Vicentinos e de dois ou três outros movimentos de Igreja para jovens, fruto de mãe piedosa, de colégio católico e de movimentos de Igreja.

Homem fiel à Igreja, cidadão de significativa cultura e de grande abertura de coração, ele nunca se fechou num único movimento ou numa única experiência de catolicismo. Quis conhecer e participar de muitas, porque via Deus agindo em todas. É talvez sua primeira virtude a se destacar. Não se prendeu a nenhum grupo.

Abriu-se para as muitas espiritualidades da Igreja. Há muito a se dizer em favor desse padre francês que adotou as expressões “*eis que eu venho*” “*eis que vou*” e “*ir ao povo*” como um jeito de viver a fé católica. Foi, também, um dos muitos sacerdotes dedicados a divulgar devoção

*Homem fiel à Igreja, cidadão de significativa cultura e de grande abertura de coração, ele nunca se fechou num único movimento ou numa única experiência de catolicismo. Quis conhecer e participar de muitas, porque via Deus agindo em todas. É talvez sua primeira virtude a se destacar. Não se prendeu a nenhum grupo.*

ao Coração de Jesus, entre os anos 1870 a 1925. Respirava esta mística: **o coração de Cristo para homens de coração novo.**

João Leão Dehon, a quem daqui por diante chamaremos de **Leão Dehon** ou de **Padre Dehon**, nasceu em 1843 e faleceu em 1925, oitenta e dois anos de intensa busca de respostas para os problemas sociais da França e da Europa do seu



tempo. Anunciar Jesus sem buscar a justiça e a paz de um povo não lhe parecia correto. Religião sem busca de justiça social é uma farsa. Para ele estava claro que a justiça social era uma coisa e política, outra. Mas a política poderia ser evangelizada para se colocar a serviço da justiça. Com ela a escola, a família, as fábricas, a imprensa, os sindicatos, a Igreja.

Não há como negar que Padre Dehon fez política, ensinou política e agiu como ativista político. Só não se filiou a partidos ou correntes ideológicas da época. Permaneceu homem de Igreja. É certo que fez o que fez por ser cristão e sacerdote. Dentro da Igreja houve quem torcesse o nariz e levantasse os sobrolhos para esta ousadia. Ainda os há. Paciência! Santidade nunca foi unanimidade. Nem Jesus foi visto como santo por todos que o conheceram! Um pouco mais de História da Igreja nos ajudará a entender que houve e há muitas maneiras de ser santo, desde que não se omita o essencial: a busca da verdade na caridade. Pode até haver interpretações errôneas do que seja

a verdade e a caridade, mas não há como negar que os santos, para serem santos, precisam ser honestos na sua procura.

**Padre Dehon acreditava na ação social e política como maneira eficaz de mudar uma sociedade.** Mas seria desinformação, crueldade até, concluir que, como muitos padres que através dos tempos enveredaram pela política e se desviaram do sacerdócio, ele se perdeu. Não se perdeu! Foi acusado disso, mas nunca se afastou da contemplação. Os olhos que se voltavam para o povo e suas dores, com a mesma intensidade voltavam-se para o sacrário.

A militância em favor de mudanças sociais na Igreja e no mundo no qual viveu o tornava cada dia mais místico, mais voltado para o outro e para a oração. Deixava-o cada vez mais disposto a levar as cruzes de quem não conseguisse levá-las.

*Jose Fernandes de Oliveira, SCJ*  
(Padre Zezinho)

# Conhecer o Padre Dehon

## Através dos Escritos Espirituais

### A VIAGEM A BELÉM

No livro “O ano com o Coração de Jesus”, o Padre Dehon propõe, a 23 de Dezembro, uma meditação sobre “A viagem a Belém” “realizada pela Sagrada Família na véspera do nascimento de Jesus.” E reza, logo ao começar: “Fazei-me participar, Senhor, no vosso espírito de humildade, de desapego, de obediência.” Seguem-se os três pontos.

#### I. Jesus começa os sacrifícios que devem operar a nossa redenção

Nosso Senhor fez-se homem para expiar as nossas faltas e para nos resgatar: assim assumiu a humanidade com todos os seus sofrimentos, incomodidades e sacrifícios diários. Não só não fugiu a estes sacrifícios, mas também os amou no seu Coração de criança, porque pagavam a nossa dívida, porque reparavam o nosso orgulho, a nossa sensualidade, a nossa desobediência.

Ainda não era nascido e já o édito de Augusto o obriga a deixar a sua pátria com a sua mãe e o seu pai adotivo e a empreender uma longa e penosa viagem, na estação mais rigorosa do ano, para ir nascer como pobre e como peregrino numa terra estrangeira.

Embora encerrado no seio de sua mãe, sentia toda esta desgraça, sofria com Maria que o levava; sofria com S. José que o conduzia, porque sofriam um e outro por amor dele. Sofria por obediência a um príncipe ao qual nada devia, porque este príncipe era sua criatura.

Gostava de praticar esta humildade, esta obediência por amor por nós. Inaugurava assim as grandes dores que havia de sofrer durante todo o curso da sua vida mortal, até à consumação da redenção na cruz. Com isto condenava a nossa delicadeza e a nossa lassidão que se recriam e se revoltam ao mínimo sofrimento, embora mereçamos sofrer, uma vez que somos pecadores.

#### II. Jesus dá-nos o exemplo do desapego e da obediência

Quer partir sem demora, com Maria e José, apesar das dificuldades que se deparam numa viagem tão rigorosa, porque queria dar-nos um exemplo da sua pronta obediência e do mais perfeito desapego.

Se tivesse nascido na sua casa de Nazaré, onde se realizou o mistério da encarnação, não teria sido privado das comodidades da vida numa ocasião tão premente, mas queria ser uma criança de obediência e um homem de dores, para nos resgatar e para nos ensinar a obedecer e a sofrer por seu amor e para satisfazer a justiça do seu Pai, porque somos pecadores.

Não esqueçamos esta divina lição que nos dá antes de nascer. Renunciemos aos prazeres sensuais, aos apegos imperfeitos; renunciemos às revoltas íntimas contra a obediência, aos adiamentos inventados pela preguiça e pelo amor-próprio e ao espírito de independência. Aprendamos de Nosso Senhor que não podemos merecer a liberdade dos filhos de Deus senão pela obediência, e as alegrias puras das graças do céu senão pelas mortificações e pelas privações desta vida. Nosso Senhor deixa-se conduzir por S. José e levar pela sua divina Mãe, de Nazaré a Belém, para obedecer a um príncipe adorador dos ídolos, Ele que é o Rei dos reis e a luz do mundo. Poderia depor César Augusto do trono onde a sua mão o colocou; obedece-lhe, no entanto, e logo que o seu édito aparece.



A obediência é-lhe tão querida que assim há de seguir toda a sua vida e há de conduzi-lo à morte: *Fez-se obediente até à morte, e morte de cruz* (Fil 2, 8).

### III. Preço da obediência e do sacrifício

Como a obediência nos devia ser preciosa, pois que ela é consagrada e honrada por este exemplo divino, porque nos liberta do jugo da nossa vontade desordenada, porque é a maior marca de amor que podemos dar a Nosso Senhor e o mais puro e o mais precioso sacrifício que podemos oferecer para a glória de seu Pai e a salvação das almas. Apressemos-nos a reparar as nossas inúmeras desobediências e as nossas contínuas resistências à graça, se não quisermos atrair sobre nós o furor de seu Pai. Nosso Senhor obedece a uma criatura, Ele que é o Deus todo-poderoso, e eu desobedeço a Deus e aos meus superiores que me representam, eu que não passo de uma vil criatura. Que cegueira!

David tinha cantado outrora o transporte da Arca para Jerusalém: *Cantai ao Senhor um cântico novo* (Sl 95). Convidava toda a natureza a estremecer de alegria. É verdadeiramente na viagem da Sagrada Família que a Arca verdadeira,

a virgem Maria, ia para Jerusalém e para Belém, e a natureza estremece misteriosamente à sua passagem: *Alegrem-se os céus e exulte a terra... Alegrem-se os campos e todas as árvores das florestas ...*

Os anjos faziam cortejo a Nosso Senhor, Jesus, Maria e José não estavam tristes desta desgraça. Tratava-se de obedecer e de nos preparar graças infinitas. Iam com alegria, como Maria tinha ido com alegria exercer a caridade para com Santa Isabel: *Subiu apressadamente à montanha*. Era assim que Nosso Senhor devia até ao fim da sua vida levar a cruz com alegria: *Com alegria suportou a cruz*. Cada passo os aproximava da nossa salvação. Iam à *casa do pão*, Belém, para aí levarem o pão da vida. Pela obediência e pela imolação abraçadas com alegria, preparavam graças para as almas e especialmente para o reino do Sagrado Coração.”

O Padre Dehon termina rezando: “Oh! Sim, caminhai com alegria, amável Rainha, é a salvação que nos trazeis. Vinde, não tardeis, mostrai-nos a face do Salvador, e seremos libertos. Compreendo melhor a obediência perfeita e a imolação e quero a elas me conformar.” Segue-se o colóquio com a sagrada família.

(ASC, p. 579-581).

# Através das Obras Sociais

*Na segunda Conferência Romana, pronunciada a 28 de Janeiro de 1897, o Padre Dehon deteve-se a apontar, junto com o mal-estar económico atual, a imensa desordem moral no meio da qual se vivia e que fatalmente havia de encaminhar para a ruína da sociedade. Apontou inclusivamente os erros do Estado. Finalmente, passou a elencar os remédios que lhe pareciam oportunos.*

“O primeiro remédio, é a restauração dos princípios cristãos da vida social. Foi dado o impulso. Pio IX condenou o ateísmo social. Leão XIII indicou nas suas grandes linhas as relações necessárias da justiça cristã com a vida social e económica dos povos. Pertence ao clero e aos economistas cristãos desenvolver este ensinamento e manifestar as suas aplicações concretas...”. Depois o Fundador cita um jovem autor, Henri Perreyve, que escreveu: «Seria necessário, no tempo em que vivemos, haver cristãos inteligentes e livres que não se deixassem ultrapassar por ninguém no estudo e na aplicação prática das ciências sociais... Seria preciso que nós, padres, estivéssemos à cabeça de todos os empreendimentos de promoção social. Seria necessário que não houvesse uma invenção, uma descoberta, um novo organismo, uma associação de beneficência, uma tentativa para aliviar um sofrimento, um esforço para aligeirar o trabalho humano, sem que sejamos os primeiros a conhecê-los, a desenvolvê-los, a dar-lhes o nosso tempo, os nossos esforços, o ardor, a esperança, a vida. Tudo isso seria indispensável e aí está o nosso dever, um dever para todos nós» ... Um outro remédio, é a ação do Estado. Também nele o despertar já começou. O soberano da Alemanha não terá reunido um congresso para estudar as reformas que seria preciso pedir à legislação? Todos os parlamentos estão em suspenso até que formulem as leis sobre as associações profissionais, sobre a formação das corporações, sobre a duração do trabalho nas manufaturas, sobre o trabalho das mulheres e das crianças, sobre as reformas dos trabalhadores, sobre o contracto de trabalho.

O resto há de seguir-se. Ir-se-ão reformar as operações da Bolsa e as emissões de ações; regular-se-á a questão dos salários; dar-se-á ao trabalhador liberdade ao Domingo, arrancar-se-

***Seria necessário, no tempo em que vivemos, haver cristãos inteligentes e livres que não se deixassem ultrapassar por ninguém no estudo e na aplicação prática das ciências sociais... Seria preciso que nós, padres, estivéssemos à cabeça de todos os empreendimentos de promoção social.***

lhês-ão os excessos do alcoolismo. A nós, cabe-nos reivindicar sem cessar a intervenção da lei, nos limites em que for justificada e reclamada pela economia cristã.

Não se pode dizer que os interessados, patrões e operários, não tenham feito alguns esforços. Vemo-los agrupados na Alemanha nos Comités católicos..., na Bélgica, nas diversas obras reunidas sob o estandarte da democracia cristã; na Itália, nos comités paroquiais e nas suas obras; na França, na obra dos Círculos, a união fraterna do comércio e os comités da democracia cristã.

Tiremos as conclusões. Precisa-se de agir. O mal é imenso, o remédio está nas nossas mãos. Estudemos, divulguemos a verdade, organizemo-nos. O poder social está hoje nas mãos do povo. É a ele que devemos ir”.

*(RSO, Segunda Conferência Romana - 28.01.1897)*

# Através dos escritos de viagens

*O Padre Dehon passou por Coimbra a 1 de Abril de 1900. Eis o relato que nos deixou no seu livro: Au dèla des Pyrénées.*

## Coimbra e Santa Isabel - I parte

Coimbra, como Lisboa e Porto, estende-se em anfiteatro sobre a margem elevada de um rio. Em Lisboa, é o Tejo; no Porto, é o Douro; em Coimbra, é o Mondego, que é o que tem menor caudal e o mais distante do mar. Coimbra não tem mais de 15 mil habitantes. Mas orgulha-se do seu passado e da sua velha Universidade. Foi a primeira capital de Portugal. Remonta aos Iberos, e o Castelo assinala o lugar da antiga acrópole.

Coimbra tem os seus belos dias como cidade universitária e religiosa. Rivaliza com Salamanca. É comparada a Oxford, a Lovaina, a Bolonha. Tinha numerosos colégios e grandes mosteiros. O seu belo rio, o Mondego, era cantado pelos poetas

que o chamavam *Rio das Musas*. Mas o despotismo regalista passou por lá. As grandes ordens monásticas, que davam vida à Universidade, foram expulsas. O belo colégio dos Beneditinos tornou-se um pobre liceu pouco frequentado. O colégio do Carmo está deserto, o dos Dominicanos, em ruínas. Voltaire e Pombal triunfaram, Coimbra está meio-morta. Que lhes importa?

A Lusa Atenas é hoje bastante mesquinha. A Universidade tem 1.400 alunos, incluindo os colegiais. Continua a ter os seus velhos regulamentos reais. Os estudantes usam um hábito *obrigatório*: batina preta, capa preta ligeira, boina negra de forma frigia ou siciliana, chamada



*Gorra*. Mas como a gorra perturba as frustrações desses senhores, usam-na... no bolso.

Há excelentes estudantes, vi alguns comungar piedosamente na catedral (uma pequena assembleia). Muitos são levianos, vaidosos, muito amigos da vida, da música e do prazer. Os doutos professores, *catedráticos*, são geralmente liberais e de ideias pombalinas.

Não parece que se demorem na Universidade. Os cursos decorrem entre Novembro a Maio e há muitos feriados. Mas essa gente crê ainda viver os bons tempos de outrora. Orgulham-se das suas cinco faculdades e continuam a fazer cerimónias teatrais dos bons velhos tempos para a atribuição do grau de doutor.

Nenhuma outra cidade em toda a península nos pareceu tão atrasada e pouco elevada. Penso que nenhum estrangeiro a visita. Os estudantes e os habitantes olham-nos e seguem-nos, como se fôssemos chineses.

Apesar disso, Coimbra é interessante de visitar. Além da sua bela localização, da sua vegetação tropical, dos seus jardins com palmeiras, agaves e laranjeiras, tem as suas antigas igrejas e velhos mosteiros.

O mosteiro de Santa Cruz, pérola de Coimbra, é o antigo convento dos *Cónegos Regrantes de Santo Agostinho*. Foi construído no século XII e renovado no século XVI, sob D. Manuel I, o Grande, com a ajuda de escultores franceses de Rouen e de Gaillon. O convento serve atualmente de *Câmara Municipal*. Tem dois claustros: o primeiro, *claustro da manga*, assim chamado porque o rei D. João III lhe fez a planta sobre a sua manga, é simples e austero. Tem no centro uma capela com cúpula. O segundo claustro, *claustro do silêncio*, tem o belo estilo manuelino, com ogivas no piso térreo e arcos abatidos no andar superior. Está ornamentado com belos relevos da primeira Renascença, representando Cristo diante de Pilatos, a levar a cruz e a ser depositado no sepulcro. Tem diversas capelas interessantes: a dos cinco franciscanos martirizados em Marrocos; a do Santo Cristo, que contém os túmulos dos Cavaleiros de Cristo mortos no campo de Ourique em 1139; a capela de São Teotónio, da Ordem dos Cónegos Regrantes, com uma estátua do prior Velho, celebrado por Camões.

A igreja tem uma bela fachada desenhada por Diogo de Castilho e pelo mestre Nicolau, o francês

[Nicolau de Chanterenne]. No interior tem uma nave muito simples e um púlpito extremamente curioso. É uma joia da arte semipagã da Renascença. Foi esculpido por João de Rouen. Com sibilas, profetas e doutores da Igreja, vemos aí centauros e figuras indecentes. Temos aí uma indicação: o humanismo dos monges e dos religiosos preparou o *pombalismo* e o resto.

No coro, os mausoléus dos dois primeiros reis de Portugal, Afonso Henriques e Sancho I. As estátuas jacentes sobre os sarcófagos e as que ornamentam o dossel e representam santos são atribuídas ao mestre Nicolau. Os nossos mestres escultores de Rouen, Dijon, Nantes, Tours e Nancy eram apreciados por toda a Europa no século XVI. Na sacristia, há belos lambris com azulejos, e três quadros: *Ecce homo*, *Pentecostes* e *Invenção da Cruz*, pintados por Vasco [Vasco Fernandes], um bom pintor do século XVI, que os Portugueses chamam Grão Vasco.

A bela rua da Sofia ergue-se sobre a colina com os bonitos colégios monásticos, o colégio do Carmo, tornado uma casa de aluguer; o colégio dos Dominicanos, uma carroçaria; o colégio dos Jesuítas, de que apenas resta o claustro.

O convento dos Beneditinos, já o disse, tornou-se um liceu; o colégio de S. Paulo, um museu. Portugal não lucrou com estes atos de barbárie, está desmoralizado, pobre, aniquilado e bem perto de ficar sujeito a Inglaterra. As nações chegam à decadência quando perdem a inspiração religiosa. Pombal e companhia realizaram uma vez mais a profecia feita por Nosso Senhor os religiosos: “*Vós que deixastes tudo por causa de mim, recebereis cem vezes mais em família, irmãos, casas, juntamente com perseguições*”

\* \* \*

Visitemos agora as catedrais e a Universidade.

Digo as catedrais, porque há duas, a velha e a nova. Em Coimbra, como em Salamanca, quando a Renascença ergueu uma nova catedral, teve o bom senso de conservar a antiga como testemunha da arte primitiva. Como seríamos ricos em monumentos dos primeiros séculos cristãos, se todas as cidades tivessem mostrado a mesma inteligência!

A *Sé Velha*, ou a velha catedral, é de estilo românico do século XII. Os seus muros eriçados de ameias fazem-na parecer um castelo feudal. A *porta Especiosa*, do lado norte, deve-se ao



escultor francês, mestre Nicolau. Ela tem três andares ao gosto de primeira Renascença, com graciosos ornamentos e uma imagem de Nossa Senhora em relevo no frontão. Encontraremos aí reminiscências do castelo de Gaillon. O interior é uma basílica com três naves com pilares coroados por capitéis românicos e três absides em hemicírculo. Há vários retábulos e túmulos do século XVI. O grande retábulo do altar-mor é atribuído a Olivier de Gand, e é de estilo gótico flamejante.

Um pouco mais acima está a nova catedral, a Sé Nova. É ampla e imponente, mas ao estilo insignificante da segunda Renascença. O único interesse que apresenta é o seu tesouro, rico em casulas bordadas, em vasos sagrados e em relicários bizantinos e góticos.

O palácio episcopal tem um belo claustro ornado de azulejos, e tem uma maravilhosa vista sobre a cidade e o vale do Mondego.

\*\*\*

Visitemos agora a célebre Universidade. É modestamente chamada, *Paços Reais das Escolas*. Os seus edifícios rodeiam um grande pátio retangular embelezado com alguns canteiros. Uma colunata que serve de passeio é chamada

a *Via latina*. A grande *Sala dos Actos* tem belos azulejos murais e um forro *artesonado*. Ainda se observam aí, quando da colação de graus, as cerimónias arcaicas prescritas por D. João I, em 1431. A igreja da Universidade é a antiga capela do castelo real. Devemos dizer que a Universidade sucedeu ao castelo. Quando a capital foi transferida para Lisboa, o rei D. Dinis homenageou Coimbra oferecendo-lhe o castelo para fazer a Universidade.

A biblioteca é rica, tem 150.000 volumes que não lhe ficaram caros, porque são os livros do Agostinianos, dos Carmelitas, dos Dominicanos e dos Jesuítas de que se apropriou.

Diante da Universidade ergue-se o monumento a Camões, foi aí, efetivamente, que ele ganhou o gosto literário, que constitui a sua glória.

Passemos agora a ponte sobre o Mondego, donde usufruímos de uma bela vista sobre a cidade e sobre o vale. Encontramos duas recordações muito diferentes que chamam a nossa atenção, a de Inês de Castro e a de Santa Isabel. Começemos por Inês de Castro. Terminaremos Em Santa Isabel, para ficarmos no caminho certo

(ADP, nn. 507-513).

## PRIMEIRA PROFISSÃO

No dia 1 de Outubro, grande número de religiosos da província reuniram-se em Alfragide para a Primeira Profissão Religiosa do noviço Carlos Manuel que fez o seu noviciado em Alba de Tormes, Espanha, com um colega espanhol.

A sua mãe acompanhou-o no momento de se entregar a Deus com a profissão dos votos de castidade, pobreza e obediência, conforme as Constituições da Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, em que fica integrado. Numerosos familiares e amigos estavam presentes. Agradecemos ao Coração de Jesus o dom deste confrade a quem desejamos felicidades na vivência da vocação e da missão de dehoniano.

## ORDENAÇÃO DIACONAL

No domingo, 26 de novembro de 2017, no Seminário Nossa Senhora de Fátima, em Alfragide, foi ordenado Diácono, por D. António Braga, SCJ, bispo emérito de Angra do Heroísmo, o religioso Andrés Rafael. Era o Domingo de Cristo Rei e era o Dia da Memória Dehoniana, em que recordamos todos os que nos precederam no caminho de vida e santidade inspirado por Deus ao P. Dehon. Alguns dos nossos maiores coroaram a sua vida oblação em união a Cristo com o derramamento do seu sangue em diversos países e situações, particularmente na República Democrática do Congo.

O P. José Agostinho, na notícia publicada no site da Província, refere um breve diálogo entre o Bispo e o novo Diácono no fim da celebração. Perguntou D. António Braga: “Que queres ser quando fores grande?” Respondeu o Andrés Rafael: “Quero ser pequeno para servir!” O jovem Diácono percebeu bem a sua missão na Igreja. Mas a diaconia, o serviço, é o modelo e o estilo de toda a relação na Igreja. Os diversos carismas são para o “serviço comum”, ou comunitário, em todos os lugares e situações, mesmo quando for preciso sofrer e morrer. Desejamos as maiores felicidades ao Andrés Rafael no exercício do seu ministério diaconal.

F. Fonseca, SCJ



## SETENTA ANOS DE PRESENÇA DEHONIANA EM MOÇAMBIQUE

A 20 de Março de 1947, chegaram a Moçambique os primeiros quatro dehonianos, os Padres Pedro Comi, Agostinho de Ruschi, Luís Pezzotta e Celestino Pizzi. Apresentaram-se ao Bispo da Beira, D. Sebastião Soares de Rezende, cuja diocese abrangia toda a zona centro de Moçambique, a saber, as províncias de Sofala, Manica, Zambézia e Tete. D. Sebastião enviou-os para o Alto Molócuè, com a missão de evangelizarem toda a Alta Zambézia.

Depois de uma viagem cheia de aventuras, a 27 de Março de 1947, os Padres chegaram ao local para onde foram enviados, a pequena missão de Malua, no concelho do Alto Molócuè, animada por um padre português, o P. Alexandre, e algumas Irmãs Vitorianas. Nas proximidades, os Irmãos de S. João de Deus cuidavam dos leprosos, numa gafaria. Os cristãos católicos, na Missão, eram apenas oito, havendo, sobretudo em Nauela, algumas comunidades protestantes.

O P. Ezio Toller, missionário em Moçambique desde 1965, escreve: “Sem perder a coragem, e com a maior simplicidade, (os Padres) lançaram mãos à obra, iniciando o seu trabalho sobretudo com as crianças, dando-lhes a possibilidade de uma certa alfabetização rudimentar e de um primeiro contacto com a doutrina cristã, por meio de simples perguntas do catecismo.”

Pouco depois, os Dehonianos começam a dar início a outras missões. Logo em Junho do mesmo ano, os Padres Rafael e Agostinho foram abrir a missão de Nauela.

Em Abril de 1948, chegaram 6 novos missionários: os Padres António Losappio, João Gadotti, Gino De Ruschi, Vicente Soldavini, Damião Bettoni e o Ir. Victor Maiocchi. E foi possível abrir novas missões: Muliquela (Ile), em 1948; Mualama, em 1948; Gurùè (antiga Vila Junqueiro), em 1948; Molumbo, em 1949; Invinha (Gurùè), em 1949; Sagrada Família, em Quelimane, com uma Escola Profissional de carpintaria e mecânica, em 1951; Gilé, em 1956; Namarrói, em 1957.

“Portanto, - anota o P. Toller -, nos primeiros 10 anos, os padres Dehonianos fundaram 10 Missões.”

A seguir, houve outras fundações: Mulevala, em 1958; Pebane, em 1960; Muiane (Alto Ligonha), em 1963; Naburi, em 1963; paróquia de Santo



Antônio, no Gurúè (antiga Vila Junqueiro), em 1967. “No espaço de 20 anos, - comenta mais uma vez o P. Toller - surgiram 15 missões, com um conjunto de várias atividades: construção de escolas-capelas, centros missionários com as respectivas igrejas, internatos, pequenos hospitais e maternidades, oficinas e plantações. A missão, aos poucos, tornou-se o centro da região e da atenção das povoações. Mas, além do aspeto social, houve sempre a finalidade de fundo, própria dos missionários, isto é, anunciar o Reino de Deus. Já no mês de Dezembro de 1956, havia 162 Escolas, 121 Professores, 24.655 Alunos, 116 Catequistas para 6.368 jovens catequizandos.”

A atividade missionária dos nossos missionários foi corroborada por diversas congregações religiosas: as Irmãs do Amor de Deus, as Irmãs Vitorianas, as Irmãs do Coração de Maria, as Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição, as Irmãs Diocesanas de Lichinga, as Irmãs da Consolata, as Auxiliares do Apostolado e a Companhia Missionária do Coração de Jesus. Este pessoal missionário feminino contribuiu muito nas escolas, colégios, hospitais-maternidades e também nas comunidades cristãs. Merecem ainda referência iniciativas como o Catequistado de Nauela, para a formação de catequistas e líderes das comunidades, fundado em 1954; a Escola para Professores, fundada em 1953 e orientada pelos Irmãos Maristas, no Alto Molócuè; a Escola para Professoras, aberta em Quelimane, e orientada pelas Auxiliares do Apostolado e pelas Irmãs do Coração de Maria; o seminário chamado Escola Apostólica de S. Francisco Xavier, em Milevane, fundado em 1960 para a formação de religiosos e sacerdotes dehonianos moçambicanos.

Mas há outras obras importantes iniciadas e orientadas pelos Dehonianos na Zambézia: a Escola de Artes e Ofícios, fundada em 1969, no Gurúè, para preparar jovens para algumas atividades especiais, como: serralharia, mecânica, carpintaria, eletricidade, etc. Em 1998 passou a ser chamada “Centro Polivalente Leão Dehon”, compreendendo a “Escola Básica Industrial” e a “Escola Agrária”. Em parte das instalações funciona atualmente uma extensão da Universidade Católica, com cursos de Economia e Direito.

A ação de evangelização e promoção humana iniciada em 1947 pelos dehonianos italianos, e que



contou com a colaboração de vários dehonianos portugueses, prossegue com o trabalho dos dehonianos moçambicanos e de alguns poucos italianos que, resistindo a muitas provações, e já avançados nos anos, permanecem no país.

Dos persistentes esforços no campo da formação religiosa e sacerdotal, resultaram 1 bispo, 16 padres e 10 Irmãos, que se preparam para o sacerdócio, todos dehonianos. Pelas casas de formação passaram centenas de outros jovens que, não prosseguindo na vida consagrada dehoniana, se tornaram pessoas importantes na organização e no desenvolvimento do novo país, nascido a 25 de Junho de 1975, quando foi proclamada a independência de Moçambique.

Em 1993, foi criada a nova diocese do Gurúè, que abrange toda a área inicialmente confiada por D. Sebastião Soares de Rezende aos nossos missionários. Prevê-se para breve a criação de uma nova diocese a desmembrar da do Gurúè, com sede no Alto Molócuè. As sementes penosamente lançadas pelos nossos missionários germinaram e cresceram. Igreja local aumenta e organiza-se, com diversos sacerdotes diocesanos, religiosos e religiosas nativos, com numerosos leigos empenhados na animação das comunidades e com o esforço do já numeroso povo de Deus.

Este trabalho, feito a partir de um escrito do P. Ezio Toller, continuará no próximo número da NL, com uma análise e reflexão sobre a Missão Dehoniana em Moçambique, feita pelo próprio P. Toller, decano dos missionários dehonianos em Moçambique.

P. Fernando Fonseca, SCJ

# Companhia Missionária

## Um rebento novo no meio da cidade

«Passou um ano desde que se iniciaram as festividades dos 50 anos de presença da Companhia Missionária do Coração de Jesus, em Portugal... Muitas coisas aconteceram ao longo deste ano... Muitos eventos que marcaram um novo ritmo e uma nova caminhada e contribuíram para fazer memória das maravilhas do Senhor, nas nossas vidas, a nível pessoal e de família CM».

O parágrafo acima transcrito fazia parte da mensagem que a Presidente CM, Martina Cecini, na impossibilidade de estar connosco como havia programado, nos enviou e que foi lido no início da celebração da Eucaristia, no dia 8 de Outubro, dia em que encerrámos um ano de memória e de ação de graças pelos 50 anos de presença da CM em Portugal.

Na mesma mensagem, lemos ainda: «Há 50 anos, foi uma aventura a CM fixar-se no Porto. A casa de rua Miguel Bombarda é um marco importante na história da CM. Foi a nossa Betânia, um centro acolhedor e propulsor de vida e de vida em abundância. Neste ano de 2017 tivemos de a deixar, de nos predispormos à mudança, à renovação concreta, à abertura ao novo. Foi algo que vivemos como um desafio e que exigiu uma grande capacidade de apostar no futuro e num futuro que nos sentimos chamadas a acolher como algo que o Senhor da vida prepara connosco».

A celebração do dia 8 foi ao mesmo tempo o encerramento deste ano jubilar e a inauguração da nova sede do Instituto. Esteve connosco D. António Augusto de Azevedo, Bispo auxiliar do Porto e responsável pela vida consagrada na Diocese. Concelebraram vários dos nossos irmãos dehonianos e o P. Agostinho Jardim, com quem muitas de nós trabalharam durante anos na paróquia da Vitória, no centro do Porto. Esteve connosco mais de uma centena de amigos. Olhando-os, eu que venho de uma cultura de teares artesanais, não podia deixar de pensar no trabalho delicado e minucioso que requer a tessitura de uma obra. Cada um deles era como um fio que entrelaçado nos outros constituía uma tapeçaria linda e consistente; e também nós tínhamos contribuído para os pôr em relação. A

Há 50 anos, foi uma aventura a CM fixar-se no Porto. A casa de rua Miguel Bombarda é um marco importante na história da CM. Foi a nossa Betânia, um centro acolhedor e propulsor de vida e de vida em abundância.



festa foi também uma boa maneira de testar a capacidade de acolhimento da casa.

Na homilia, o Bispo D. António Augusto, referiu-se aos Institutos Seculares, como a um **reberto novo**, nascido no século passado no pomar da Igreja, destinado a dar frutos para o bem da mesma Igreja e do mundo. A novidade deste rebento consistia e consiste na síntese entre a secularidade e a consagração. É isto o que de mais específico podem dizer ao mundo, sobretudo numa época como a nossa em que a dimensão religiosa e a fidelidade à história parecem excluir-se reciprocamente. Continua hoje a ser fundamental a descoberta de uma profunda síntese existente entre a vida concreta e a adesão à fé, uma descoberta que não é exclusiva dos consagrados seculares mas que foi por eles particularmente sentida.

A CM é um destes rebentos novos e o Bispo incitou-a a radicar-se no **meio da cidade**. O local da celebração foi o pátio da nova casa que, sentíamos estar, precisamente, no meio da cidade: estávamos rodeados de prédios, alguns dos vizinhos podiam assistir das suas janelas e dos seus terraços a quanto estávamos a viver.

Quando delineámos o programa para este cinquentenário não estava claramente prevista esta mudança. Mas deitando agora um olhar retrospectivo, penso que ela foi, talvez, o maior dom deste ano celebrativo. O Senhor deu-nos a coragem e a força deste empreendimento que, como diria Santa Teresa de Ávila, para “pobres mulheres” não foi uma coisa de pouca monta.

Agora, estamos aqui, com o nosso cansaço e as nossas poucas forças, a tentar conhecer esta parte da cidade, a tentar enraizar-nos nela, a viver a experiência de acolher e de sermos acolhidas. Com a certeza de que o Reino de Deus não se constrói apenas com o nosso esforço mas com a abundância da sua graça. Esta certeza abre o nosso coração à esperança, mesmo que seja a uma esperança sem apoios e sem sinais espetaculares.

Porto, 26 de Outubro de 2017

Maria Lúcia Amado Correia  
 [luciacmporto@yahoo.com](mailto:luciacmporto@yahoo.com)

A CM é um destes rebentos novos e o Bispo incitou-a a radicar-se no **meio da cidade**. O local da celebração foi o pátio da nova casa que, sentíamos estar, precisamente, no meio da cidade

